

Matteo Raschetti

Mestre Eckhart
Um mestre que falava
do ponto de vista
da eternidade



PAULUS

Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*
Coordenação editorial: *Claudemir Módolo*
Claudio Avelino dos Santos
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Revisão: *Iranildo Bezerra Lopes*
Caio Pereira
Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Raschietti, Matteo

Mestre Eckhart: um mestre que falava do ponto de vista da eternidade / Matteo Raschietti.
— São Paulo: Paulus, 2013. — (Coleção Como ler filosofia)

ISBN 978-85-349-3576-0

1. Alma 2. Deus - Existência 3. Eckhart, Meister, ca. 1260-1327? 4. Eternidade 5. Metafísica
6. Ontologia I. Título. II. Série.

12-14849

CDD-211

Índices para catálogo sistemático:

1. Pensamento eckhartiano: Deus: Filosofia 211

1ª edição, 2013

© PAULUS – 2013

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3576-0

Aos meus pais, Ottavio e Imelda,
que, com sua vida,
ensinaram-me a olhar a existência
do ponto de vista da eternidade.

Introdução

Se eu quiser falar com Deus...

Corria o ano de 1980. Gilberto Gil conta que Roberto Carlos lhe pedira uma canção, mas ele não sabia exatamente do que ia falar. De repente surgiu uma pergunta: “E se eu quiser falar de falar com Deus?”. O artista baiano, que chegou a se definir “ateu, graças a Deus”, a partir dessa pergunta, compôs uma obra-prima que transpira todo o pensamento filosófico-teológico de Mestre Eckhart, um mestre dominicano da Idade Média, condenado por heresia após a morte e o objeto deste volume da Coletânea “Como ler filosofia” da editora Paulus.

Em seu *site* na internet (www.gilbertogil.com.br), Gil escreve: “O que chegou a mim como tendo sido a reação dele, Roberto Carlos, foi que ele disse que aquela não era a ideia de Deus que ele tem. ‘O Deus desconhecido’. Ali, a configuração não é a de um Deus nítido, com um perfil claro, definido. A canção (mais filosófica, nesse sentido, do que religiosa) não é necessariamente sobre um Deus, mas sobre a realidade última; o vazio de Deus: o vazio-Deus”. Eckhart, sem sombra de dúvida, assinaria embaixo a estas palavras.

Nos dias de hoje, fala-se demais sobre Deus. Talvez isso ocorra para preencher o vazio existencial que tomou posse do homem e da mulher pós-modernos, que seguram nas mãos a última novidade tecnológica em matéria de comunicações, têm um elenco invejável de amigos nos *sites* de relacionamentos, mas são incapazes de encarar o espelho para não ver os

grilhões do efêmero que lhes tiram a liberdade. Assim, no balanço de uma existência bipolar em luta constante entre o ter (cada vez mais) e o ser (autênticos), buscam algo que lhes dê segurança e tagarelam para exorcizar o silêncio de uma vida vazia. E, falando sobre Deus, esquecem a realidade mais importante, mas também mais difícil: falar com Ele. Gilberto Gil, a esse respeito, dá uma dica importante:



*Se eu quiser falar com Deus
Tenho que ficar a sós
Tenho que apagar a luz
Tenho que calar a voz
Tenho que encontrar a paz
Tenho que folgar os nós
Dos sapatos, da gravata
Dos desejos, dos receios
Tenho que esquecer a data
Tenho que perder a conta
Tenho que ter mãos vazias
Ter a alma e o corpo nus.*

Quase setecentos anos antes, Mestre Eckhart já falara dessa necessidade do despojamento (expresso, na canção, pelos verbos *apagar, calar, folgar, esquecer, perder*) como condição para entrar em comunicação com Deus:



A alma, que deve amar a Deus e com a qual Deus quer se comunicar, é tão perfeitamente despida da temporalidade e de todo gosto das criaturas, que nela Deus sabe ao sabor do gosto próprio dele. A Escritura diz: “À hora da meia-noite, quando todas as coisas estavam em silêncio, então, Senhor, tua palavra desceu do trono real” (Sb 18,14-15). Isso significa: na noite, quando já nenhuma criatura reluz nem espreita na alma, e no silêncio, onde nada mais fala à alma, então a palavra é anunciada ao intelecto (Pr. 73).¹

¹ MESTRE ECKHART, *Sermões Alemães*, Vol. II – Sermões 61 a 105, Bragança Paulista/Petrópolis, Ed. Universitária São Francisco/Vozes, 2008, p. 78.

No entanto, o caminho a seguir para falar com Deus é difícil, impérvio, não é isento do sofrimento, aliás, é ele mesmo um sofrimento:

*Se eu quiser falar com Deus
Tenho que aceitar a dor
Tenho que comer o pão
Que o diabo amassou
Tenho que virar um cão
Tenho que lamber o chão
Dos palácios, dos castelos
Suntuosos do meu sonho
Tenho que me ver tristonho
Tenho que me achar medonho
E apesar de um mal tamanho
Alegrar meu coração*



Essa linguagem parece recalcar o pensamento do mestre dominicano, que dedica todo um Tratado a esse tema a partir do seu avesso (*O Livro da Divina Consolação*), além de retomar esse assunto em outras partes da sua extensa obra:

Nossa vida está partida em duas: uma é sofrer, a outra, atuar. Atuar é aquilo com que ganhamos toda a nossa recompensa. Sofrer é um acolher interiormente a recompensa. O mundo inteiro não consegue reconhecer o empenho de Deus em atrair a alma para si. Nossa colheita está no atuar; e isso é pequeno e estreito. E por isso ele não colocou nossa recompensa no atuar; antes, no sofrer. Ele sempre busca, portanto, nosso melhor, pois pouco podemos fazer e muito sofrer, pouco dar e muito receber. [...] Por isso, colocou nossa recompensa no sofrer, para que ele possa nos doar muito, e nós muito receber (Pr. 94).²



Ao longo da história, a figura de Mestre Eckhart foi submetida a inúmeras interpretações ambíguas e desviantes, ora tornando-o um escolástico e um tomista, ora fazendo dele o

² *Ibidem*, p. 162-163.

pai da filosofia alemã e o precursor da reforma protestante. O objetivo desse livro é tentar tirá-lo do “limbo intelectual” em que foi confinado e despertar, sem muitas pretensões, a curiosidade de conhecer mais de perto um dos grandes pensadores do Ocidente cristão.